

Sobre a presença do *Aedes ægypti* em Porto Alegre.

R. di Primio

Nas comunicações e publicações anteriores que fiz em torno da presença de varias especies de culicídeos tanto em Porto Alegre como em muitos municipios do extremo sul do Brasil, e, principalmente, no meu trabalho "*Os Culicídeos do Rio Grande do Sul. — Considerações nosológicas a respeito*", não figura a presença do *Aedes ægypti* em Porto Alegre, apesar das pesquisas realizadas em epochas diferentes.

Analisando a distribuição geografica deste mosquito em toda a America do Sul, e, particularmente, no Brasil, observa-se que ella é caprichosa, presente em uns pontos e ausente em outros, com localização preferencial no litoral, ao longo dos cursos dagua, seguindo, sobretudo, as linhas de navegação ou de comunicações varias.

Comparando, tambem, a distribuição geografica do estegomyia, na Argentina e no Uruguai em latitudes correspondentes as do Rio Grande do Sul, ou mais altas ou mais baixas, deduz-se que as nossas condições climatericas, semelhantes ou aproximadas desses paizes vizinhos, não seriam *a priori* infensas á vida em circumstancias satisfatorias, pelo menos em determinadas epochas do ano, deste transmissor, cuja presença, aliás, foi assinalada no extremo sul do Estado, na cidade do Rio Grande em 1900, facto ratificado em 1918 por Lutz, Olimpio da Fonseca Filho e Souza Araujo, que o encontraram, tambem, em outra localidade proxima, na vila de São José do Norte.

O vasto territorio do Rio Grande do Sul tem uma topografia deveras original e polimorfa, onde as condições climatericas muito se distanciam de outros Estados do Brasil. Justifica-se, assim, aqui como alhures, o grande interesse que a presença de qualquer transmissor de doença deve despertar, não só quanto á possibilidade de incidencia, extensão e radicação de certas entidades morbidas, como pelos aspectos variaveis que por ventura possam apresentar.

A' biologia do *Aedes ægypti*, conhecida de longa data, outros factos vieram amplial-a, como as observações de Cesar Pinto, que capturou nas proximidades da vila de Rincão (Estado de São Paulo) machos e femeas desta especie, durante o dia, em mata distante de 310 metros de casas isoladas, demonstrando, assim, que seu *habitat* não se restringe sómente ás moradias das povoações ou cidades.

Os extranhos aspectos epidemiologicos da febre amarela evidenciam a complexidade da questão, tanto com referencia aos novos hospedadores intermediarios de acordo com os trabalhos de J. H. Bauer, de Davis

e Schannon, Soper, etc., como também quanto á infecção propriamente dita.

O recente trabalho de Beaurepaire Aragão, interpretando as epidemias de febre amarela silvestre de 1934 a 1937 nas zonas do planalto em São Paulo, Goiás, Minas e Paraná com referencia á transmissão pelo *Aedes aegypti* e pelas mosquitos da mata, relacionada ás particulares condições mesologicas, principalmente aos factores térmicos, constitue notavel contribuição á epidemiologia do mal amarelico em novos e interessantes aspectos.

Pelas considerações expostas, sobrelevando as de transmissibilidade, pelo grande e inherente interesse medico, epidemiologico e profilactico, pela particular situação geografica de Porto Alegre, na margem esquerda do rio Guaíba, ponto de irradiação, por intermedio das mais diversas e contínuas comunicações fluviais e terrestres para outras localidades apresentando factores mesologicos variados; em uma zona alagadiga, de condições propicias á vida dos culicideos, salvo durante os mezes de baixa temperatura, e, sobretudo, baseado na grande importancia que o conhecimento da distribuição geografica dos transmissores assume, maxime da febre amarela, faço essas referencias em torno do primeiro exemplar de *Aedes aegypti* que acabo de encontrar em minha residencia á rua Venancio Aires, na cidade de Porto Alegre.